



UC/FPCE_2013

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

A bússola da vergonha: dimensionalidade e características psicométricas da escala de *coping* com a vergonha em adolescentes

Liliana Maria Almeida Fonseca (e-mail: lilianamafonseca@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia – Intervenções Cognitivo-Comportamentais nas Perturbações Psicológicas da Saúde sob a orientação do Professor Doutor Daniel Maria Bugalho Rijo

A bússola da vergonha: dimensionalidade e características psicométricas da escala de *coping* com a vergonha em adolescentes

Resumo

São vários os estudos que destacam a vergonha como um importante fator de vulnerabilidade para o desenvolvimento de perturbações emocionais e/ou psicopatologia. Alguns autores têm defendido que a forma como cada indivíduo lida com a vergonha pode levar a diferentes estilos cognitivos, emocionais e comportamentais. A ECoV foi desenvolvida para avaliar quatro estilos de *coping* com a vergonha teoricamente propostos: *fuga*, *evitamento*, *ataque ao self* e *ataque ao outro*. O presente estudo visa testar o modelo fatorial subjacente e o modelo da ECoV, bem como as características psicométricas na versão portuguesa. Para o presente estudo recorreu-se a uma amostra portuguesa de 698 adolescentes da população geral, com idades entre os 14 e 19 anos. Os resultados obtidos nas diferentes análises foram satisfatórios, sendo este instrumento de grande utilidade para a avaliação clínica e investigação da relação entre os estilos de *coping* para lidar com a vergonha e a psicopatologia.

Palavras-chave: Vergonha, *coping* com a vergonha, propriedades psicométricas, escala de *coping* com a vergonha

Disassembling the compass the dimensionality and psychometric properties of the Compass of Shame Scale in adolescents

Abstract

Several research highlighted feelings of shame as a vulnerability factor for the development of emotional pathologies and psychopathology. Recently, it was proposed that the way which individuals cope with shame feelings influences their cognitions, feelings and behaviors. The ECoV (coping with shame scale) was developed to assess four shame coping styles/strategies theoretically proposed: withdrawal, avoidance, attack self and attack other. The present study aims to test the ECoV factorial model and explore the psychometric properties for the Portuguese versions of this scale. Participants were 698 adolescents from a Portuguese community sample aged between 14 and 19. Results were mainly satisfactory suggests that this scale can have great utility for clinical assessment and for future research to explore the relation between shame coping styles and psychopathology.

Key Words: Shame, shame-coping, psychometric properties, coping with shame scale

Agradecimentos

Aos meus pais e ao meu irmão pela força e incentivo que me proporcionaram nesta tão ansiada etapa. Pela oportunidade que me deram de realizar este projeto e por acreditarem em mim. Obrigado pelo encorajamento.

Ao Professor Doutor Daniel Maria Bugalho Rijo, por todo o apoio e incentivo dado ao longo deste ano. As suas sugestões tornaram claramente um trabalho distinto. Por todas as discussões teóricas e práticas que me fizeram crescer enquanto estudante.

À Doutora Carolina da Motta pelo apoio e disponibilidade incansável. Fico-lhe muito grata pelas horas perdidas comigo, por toda ajuda e orientação assídua.

À minha colega Marlene, ao Dr. Luís Miguel Simões que se disponibilizaram para a recolha de questionários da população adolescente geral e introdução informática dos dados. Um sincero obrigado por tudo isto e pelas palavras tranquilizadoras constantes.

Às minhas colegas do grupo de orientação de tese, que me acompanharam durante este ano. Obrigado pela simpatia, disponibilidade e principalmente pelo espírito entreadajuda.

Aos meus amigos que me proporcionaram bons momentos nestes últimos meses e que me fizeram sentir viva e capaz de atingir este objetivo. Obrigado pela vossa boa disposição, por me animarem e por me proporcionarem momentos de distração, por serem bons ouvintes e pelo companheirismo. Gilberto, Guida, Carina, Cláudio, Joana são os melhores...

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento conceptual	3
II – Objectivos	7
III- Metodologia	7
Participantes.....	7
Instrumentos.....	8
Procedimentos metodológicos.....	11
Procedimentos estatísticos.....	11
IV – Resultados	12
Análise fatorial confirmatória.....	12
Análise dos itens da escala e da consistência interna.....	13
Fiabilidade teste-reteste.....	15
Validade convergente e divergente.....	16
V – Discussão	18
Bibliografia	21

Introdução

Como o título indica o tema desta dissertação é *A bússola da vergonha: dimensionalidade e características psicométricas da escala de coping com a vergonha em adolescentes*. A escolha do título acima exposto provém da modelo proposto por Nathanson (1992) designado por *Compass of Shame Model*. Este modelo apresenta quatro “pontos cardiais”, mais especificamente quatro estilos de *coping* para lidar com vergonha designados por *fuga*, *evitamento*, *ataque ao self* e *ataque ao outro*.

Esta dissertação foi projetada em formato de artigo com o intuito de ser submetida para a revista *Psicológica*, oficial da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, visando contribuir para a validação da escala de *coping* com a vergonha (ECoV), e assim auxiliar a avaliação psicológica quer na clínica e quer na investigação.

Seguidamente é feita uma breve apresentação do tema em estudo e dos aspetos mais relevantes da investigação.

Nas últimas décadas tem sido crescente o investimento verificado em relação ao estudo da vergonha e da sua associação ou do seu papel preditor no desenvolvimento de psicopatologia. São diversos os autores que procuram perceber qual influência e consequências da vergonha, sugerindo que a mesma pode ser uma emoção comum a diversos quadros psicopatológicos (eg., Andrews, Quian, & Valentine, 2002; Campbell & Elison, 2005; Gilbert & Gerlsma, 1999; Matos, Pinto-Gouveia, & Gilbert, 2012).

Um aspeto importante da experiência da vergonha prende-se pela maneira pela qual se lida ou defende desta. Recentemente foi proposto que a forma como lidamos com a vergonha pode conduzir a diferentes estilos comportamentais, emocionais e cognitivos (Elison, Lennon, & Pulos, 2006), procurando incentivar-se no sentido de se investigar em que contexto é que ela pode ser adaptativa e não adaptativa (Tangney & Dearing, 2002).

Neste sentido, Elison et al. (2006) desenvolveram o instrumento de avaliação designado por *Compass of Shame Scale* (CoSS), criado especificamente para avaliar as diferenças individuais que os sujeitos podem apresentar em resposta a uma experiência de vergonha. Para o seu

desenvolvimento, basearam-se no modelo que operacionaliza a vergonha proposto por Nanthanson (1992) designado por *Compass of Shame Model* que descreve quatro estilos de *coping* para lidar com a vergonha referidos anteriormente: *fuga*; *evitamento*; *ataque ao self* e *ataque ao outro*.

Com o intuito de avaliar não apenas respostas não adaptativas perante experiências de vergonha, posteriormente e numa última versão (CoSS-5) os mesmos autores acrescentaram uma subescala final que avalia respostas adaptativas perante situações indutoras de vergonha.

O presente trabalho procurará, assim e num momento inicial, realizar uma revisão da literatura existente relativamente ao conceito ou constructo de Vergonha, rever as lacunas existentes na área da avaliação dos estilos de *coping* com a vergonha e procurar-se-à, de forma complementar, realçar a importância de se adaptar e validar para a população adolescente portuguesa um questionário direcionado para a avaliação desta emoção.

O questionário que se pretende adaptar e validar é denominado por Escala de *Coping* com a Vergonha (ECoV). Será então, analisado o modelo fatorial da escala e analisadas outras variáveis ou propriedades psicométricas, como a sua consistência interna, estabilidade temporal e validade convergente e divergente.

I – Enquadramento conceptual

Ao longo dos anos têm-se verificado um crescente interesse pelo estudo da relação entre a vergonha e a psicopatologia. São muitos os estudos que tentam compreender a origem, fenomenologia (e.g., Lewis, 2000; Tangney & Dearing, 2002; Kaufman, 1996) e consequências da vergonha, sugerindo ainda que a vergonha é uma emoção comum a diversos quadros psicopatológicos nos quais inclui a depressão (e.g., Andrews & Hunter, 1997; Andrews, Quian, & Valentine, 2002; Cheung, Gilbert, & Irons, 2004; Gilbert & Irons, 2004); a ansiedade social (e.g., Gilbert, 2000; Matos, Pinto-Gouveia, & Gilbert, 2013); perturbações do comportamento alimentar (e.g., Bellew, Gilbert, Mills, McEvan, & Gale, 2006; Goss & Allan, 2009; Kelly & Carter, 2012) e perturbação de stress pós-traumático (e.g., Andrews, Brewin, Rose, & Kirk, 2000; Leskela, Dieperink, & Thuras, 2002).

A importância da vergonha no desenvolvimento da psicopatologia é também apoiada pela verificação empírica de que a relação entre a vergonha e psicopatologia se deve às memórias de vergonha (Kaufman, 1989). As experiências de vergonha podem ocorrer muito cedo na vida e inferem a principal ameaça para o *Self* social. Por exemplo, Kaufman (1989) sugeriu que as memórias de vergonha funcionam como pequenos episódios na mente e na conjuntura emocional. As memórias de vergonha podem ser associadas a um sentimento de vivacidade e de alto efeito emocional. Destacam-se as memórias de dor como: o *bullying*, a crítica de um pai e a impotência sexual. Tais memórias ameaçadoras têm poderosos efeitos emocionais nos auto-esquemas, podendo potenciar a criação de intrusões (Baumeister, Bratslavsky, Finkenauer, & Vohs, 2001; Dickerson & Kemeny, 2004). Num estudo recente, Matos & Gouveia (2010) descobriram que as primeiras experiências de vergonha revelaram características de uma memória traumática (e.g., intrusão, fuga, hipervigilância), que não só têm impacto sobre os sentimentos de vergonha na idade adulta, mas também moderam o impacto da vergonha na depressão.

Gilbert & Gerlsma (1999), desenvolveram um estudo para explorar o impacto das memórias de vergonha e da crença de ser inferior e menos predileto que um irmão. Propuseram que estas experiências precoces são suscetíveis de desempenhar um papel de vulnerabilidade à psicopatologia. Verificaram então que as memórias de experiências diretas de vergonha, a

sensação de inferioridade e de ser menos favorecido em relação à família, podem ser particularmente patológicas, indicando que os terapeutas podem explorar questões específicas de vergonha com os pacientes. Contudo, acredita-se que o sentimento de vergonha é uma capacidade inata, mas acredita-se também que a excessiva propensão para a vergonha surge de representações negativas acerca de si, derivadas de experiências diretas de vergonha (Nathanson, 1994).

No entanto, parece não ser a vergonha em si, mas a forma como se lida ou defende desta emoção que pode ser diferenciadora de diferentes estilos comportamentais, emocionais e cognitivos (Elison, Lennon, & Pulos, 2006), procurando incentivar-se no sentido de se investigar em que contexto é que ela pode ser adaptativa e não adaptativa (Tangney & Dearing, 2002). Neste sentido, têm sido largamente reconhecida a importância de compreender o constructo vergonha, bem como uma avaliação detalhada e compreensível da forma como se lida com ela, tendo implicações no tratamento de quadros psicopatológicos (Campbell & Elison, 2005; Elison et al., 2006; Nyström & Mikkelsen, 2012).

Baseado na observação clínica, Nathanson (1992) propôs um modelo que operacionaliza a vergonha designado por *Compass of Shame Model*. Para o desenvolvimento deste modelo baseou-se na teoria dos *script* proposta por Tomkins (1991) e apresentou quatro estratégias para lidar com vergonha: *fuga*; *evitamento*; *ataque ao self* e *ataque ao outro*. Estas quatro estratégias para lidar com a vergonha explicam porque é que a vergonha é reduzida, ignorada e ampliada (Nathanson, 1992). A Tabela 1 descreve brevemente cada uma delas.

Tabela 1. Estilos de *coping* para lidar com a vergonha, baseados na descrição proposta por Elison et al. (2006)

Estratégias	Descrição
<i>Evitamento</i>	Não reconhece a experiência negativa como sendo sua, recusa a mensagem de vergonha como válida e tenta distrair-se a si e aos outros. A experiência pode tornar-se neutra ou positiva, negando ou substituindo a própria vergonha por uma outra emoção positiva, através de distrações. As cognições incluem pouca consciência da vergonha, sendo que a motivação é a de minimizar a experiência consciente de vergonha ou mostrar-se como estando acima da vergonha.
<i>Ataque ao Outro</i>	Pode ou não reconhecer a experiência negativa como sendo sua e não aceita a mensagem de vergonha e tenta culpabilizar os outros no sentido de os inferiorizar. A experiência é negativa e a raiva é dirigida para os outros. A motivação é a de reforçar uma imagem de si próprio e exteriorizar a vergonha.
<i>Fuga</i>	Reconhece a experiência como negativa e tenta retirar-se ou esconder-se da situação. As cognições incluem a consciência de desconforto com os outros, consciência de ações vergonhosas e de falhar. Contudo, os sentimentos negativos e as cognições podem não ser identificados claramente como sendo vergonha. A motivação é limitar a exposição à vergonha.
<i>Ataque ao Self</i>	Reconhece a experiência como negativa, aceita a mensagem de vergonha como válida, e culpabiliza-se e deprecia-se a si próprio. Deste modo, caracteriza-se por experiências negativas e emoções que incluem críticas auto-dirigidas, como a raiva, o desprezo ou a aversão, o que amplia o impacto da vergonha. Os sentimentos negativos e cognições podem ser reconhecidos, mas podem não ser identificados explicitamente como sendo vergonha. A motivação é assumir o controlo da vergonha com o objetivo de ganhar a aceitação por parte dos outros.
<i>Respostas adaptativas</i>	Reconhecimento da vergonha e incluem tentativas de conformidade, para que o individuo melhora as suas estratégias, como por exemplo pedir desculpas ou reconhecer quando está errado.

Este modelo *Compass of Shame* proposto por Nathanson (1992), veio contribuir essencialmente para o avanço do estudo da forma como as pessoas lidam com a vergonha em diversas situações.

Elison et al. (2006), baseando-se no modelo *Compass of Shame*,

A bússula da vergonha: Dimensionalidade e características psicométricas da escala de *coping* com a vergonha em adolescentes

Liliana Maria Almeida Fonseca (e-mail:lilianamafonseca@hotmail.com) 2013

desenvolveram e investigaram a validade e fidelidade do instrumento de avaliação *Compass of Shame Scale* (CoSS), indicando tratar-se de um instrumento promissor para avaliar as estratégias para lidar com a vergonha. Embora tenham sido desenvolvidos estudos no sentido de avaliar os traços com propensão para vergonha (e.g., Chao, Cheng, & Chiou, 2011; Cook 2001; Pineles, Street, & Koenen, 2006), o instrumento *Compass of Shame Scale* (CoSS) foi o primeiro instrumento desenvolvido para avaliar o recurso às quatro estratégias para lidar com a vergonha (Elison et al., 2006).

Assim, o desenvolvimento deste instrumento viria a revelar-se particularmente útil em diversos estudos. Yelsma, Brown, & Elison (2002), estudaram os estilos de *coping* com a vergonha e as suas associações com a auto-estima. Os resultados obtidos mostraram que as subescalas *ataque ao self*, *fuga* e *ataque ao outro*, apresentam associações significativas com a auto-estima, à exceção do *evitamento*.

Num outro estudo, desenvolvido por Campbell & Elison (2005), investigaram os estilos de *coping* com a vergonha e os traços psicopáticos da personalidade. Os resultados, a partir de uma amostra de 305 estudantes universitários, suportaram a validade convergente da primeira subescala (egoísta, indiferente, estilo manipulativo interpessoal) e da segunda subescala (impulsividade e comportamento auto-destrutivo) do instrumento *Self-Report Psychopathy Scale* (SRPS). Ambas possuíam relações negativas pequenas, mas significativas com a escala *adaptativa* do CoSS e relações pequenas, mas significativas positivas com as subescalas *evitamento* e *ataque ou outro* do CoSS. Evidenciaram também através de correlações parciais que a primeira subescala do SRPS se relacionou negativamente com as subescalas *ataque ao self* e *fuga*, ao contrário da segunda subescala do SRPS que teve uma relação positiva com as dimensões *ataque ao self* e *fuga* do CoSS.

Estudos mais recentes, desenvolvidos por Nyström & Mikkelsen (2012) analisaram a existência de uma correlação entre a quantidade de traços da personalidade relacionados com a psicopatia e o tipo de estratégia de *coping* para lidar com a vergonha utilizado pelos adolescentes. Propuseram duas hipóteses: 1) há uma correlação positiva entre os traços de personalidade relacionados com a psicopatia e estratégias mais inconscientes e de externalização da vergonha; 2) não existe uma correlação negativa entre

os traços de personalidade relacionados com a psicopatia e estratégias mais conscientes e de internalização da vergonha. Os resultados obtidos suportaram a primeira hipótese, ao contrário da segunda hipótese que não foi suportada, sendo igual para ambos os sexos feminino e masculino.

Contudo, apesar da utilidade deste instrumento, uma revisão da literatura na área clínica da infância e adolescência revela uma escassez de instrumentos que avaliem o recurso a diferentes estratégias de lidar com a vergonha adequados a este período de desenvolvimento.

As necessidades de intervenção psicoterapêutica em adolescentes com base nas terapias da 3ª geração, especificamente a terapia focada na compaixão na qual o trabalho sobre a vergonha desempenha um papel relevante, exigem a disponibilidade de instrumentos de avaliação psicológica que auxiliem quer a clínica quer a investigação.

II - Objectivos

Face a este panorama no campo da avaliação do recurso aos estilos específicos de *coping* para lidar com a vergonha, propusemos adaptar e validar o instrumento *Compass of Shame Scale* (CoSS) de forma a permitir a sua utilização na população de adolescentes portugueses, fornecendo uma medida específica do *coping* não adaptativo e adaptativo com a vergonha. Pretende-se em particular a) testar o modelo dimensional de agrupamento dos itens subjacente ao modelo da escala, b) analisar a consistência interna das cinco dimensões (*fuga, evitamento, ataque ao self, ataque ao outro e coping adaptativo*), c) verificar a estabilidade temporal e d) proceder à análise da validade convergente e divergente entre os instrumentos utilizados e os instrumentos em estudo.

III - Metodologia

Participantes

A amostra é constituída por 698 adolescentes da população em geral, 293 do sexo masculino (42%) e 405 do sexo feminino (58%) com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos, recolhida nos distritos do Porto, Coimbra e Leiria. Os indivíduos concluíram até ao momento entre o 6º e 12º anos de escolaridade, no qual 81,1% nunca reprovou, 12,8 % reprovou uma

vez, 4,7% reprovou duas vezes e 0,7% reprovou três vezes. A média das idades do total da amostra é de 16,29 (DP=1,31) e a média dos anos de escolaridade concluídos é 9,70 (DP=1,34). Para inferir o nível socioeconómico foram tidas em conta as profissões dos progenitores. Para classificar o nível socioeconómico, baseamo-nos no sistema classificativo de Faria (1998), constituído por cinco níveis: baixo, médio-baixo, médio, médio-alto e alto. Contudo, na nossa amostra agrupamos os níveis médios, ficando apenas três níveis: baixo, médio e alto. Da amostra total 43,1% inserem-se no nível socioeconómico baixo, 47,6% inserem-se no nível socioeconómico médio e 9,3% inserem-se no nível socioeconómico alto. Quanto aos dois géneros não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas para a idade ($t_{(698)}=-.995$; $p=.320$), para os anos de escolaridade ($t_{(698)}=-1.52$; $p=.130$) nem para o nível socioeconómico ($\chi^2= 1.14$; $p=.567$).

Para o estudo da **fiabilidade teste-reteste** 40 adolescentes da amostra da população geral (n=698), preencheram novamente a escala de *coping* com a vergonha (ECoV).

Para o estudo da **validade convergente e divergente**, 204 adolescentes da amostra da população geral (n=698) preencheram o protocolo de investigação constituído pela escala da vergonha externa (OAS), pelo questionário da agressividade (AQ) e pela escala das formas de auto-criticismo e auto-tranquilização e 63 adolescentes preencheram a escala de ansiedade e evitamento de situações sociais para adolescentes (EAESSA).

Instrumentos

Ficha de caracterização individual- esta ficha inclui informações relativas aos dados sociodemográficos do sujeito.

Compass of Shame Scale (CoSS; Elison et al., 2006; tradução e adaptação para a população adolescente portuguesa – ECoV; Escala de *Coping* com a Vergonha, da Motta, Ribeiro da Silva, Brazão, & Rijo, 2012) é uma escala de auto-resposta, baseada no modelo de Nathanson's (1992; *Compass of Shame Model*). É constituída por 48 itens, divididos em 12 cenários potencialmente indutores de vergonha. Avalia as diferenças individuais (estratégias de *coping*) que os sujeitos podem apresentar em resposta a uma experiência de vergonha. As quatro respostas presentes em

cada cenário representam as diferentes estratégias do modelo de Nathanson (*fuga; evitamento; ataque ao self e ataque ao outro*). Todos os itens são avaliados numa escala tipo Likert de 5 pontos (1= nunca, 5= quase sempre). Posteriormente foi desenvolvida uma subescala adaptativa constituída por 10 itens finais. Estes últimos 10 itens representam respostas adaptativas a situações indutoras de vergonha. Existe um estudo realizado por Campbell & Elison (2005) com esta mesma escala, designada no seu conjunto por CoSS-5. Neste estudo os valores da consistência interna foram: $\alpha=.72$ para a subescala evitamento; $\alpha=.87$ para subescala fuga, $\alpha=.88$ para a subescala ataque ao *Self*, $\alpha=.84$ para a subescala ataque ao outro e para a subescala *coping* adaptativo $\alpha = .75$.

Escala da vergonha Externa (OAS; Other As Shamer Scale, Allan, Gilbert, & Goss, 1994; tradução e adaptação para a população adolescente Portuguesa: Barreto Carvalho & Pereira, 2012, *manuscrito não publicado*) é uma escala composta por 18 itens que mede a vergonha externa nos adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e 18 anos. A resposta às afirmações obedece a uma escala de *Likert* de cinco pontos (0 corresponde a “nunca” e 4 a “quase sempre”). A Pontuação pode variar de 0 a 72 pontos, sendo os mais altos indicativos de maior vergonha externa. No estudo original foi obtido um α de Cronbach de .92. Neste estudo a consistência interna obtida foi $\alpha=.93$ para a escala total.

Escala de Ansiedade e Evitamento de Situações Sociais para Adolescentes (EAESSA; Cunha, Pinto-Gouveia, Salvador, & Alegre, 2004) permite avaliar as situações em que a intensidade da ansiedade e a frequência do evitamento causam interferência significativa na vida dos adolescentes. É composta por 34 situações sociais para as quais é avaliado o grau de desconforto/ansiedade sentido e o grau de evitamento efetuado. Além da pontuação total, estes dois tipos de avaliação dão origem às 2 subescalas, a subescala de *desconforto/ansiedade* e a subescala de *evitamento*. A resposta é dada numa escala tipo *Likert* de 5 pontos (1=“nada ansioso/nunca evito” e 5=“muitíssimo ansioso/evito quase sempre”). Na versão original os valores de consistência interna foram: $\alpha=.91$ para a subescala *desconforto/ansiedade* e $\alpha=.87$ para a subescala *evitamento*. Na nossa amostra os valores de consistência interna foram: $\alpha=.89$ quer para a subescala *desconforto/ansiedade* quer para a subescala *evitamento*.

Questionário da agressividade (AQ; *Aggression Questionnaire*, Buss & Perry, 1992 tradução e adaptação para a população portuguesa Simões, 1993) é uma escala composta por 29 itens que medem quatro fatores agressividade física (AF), agressividade verbal (AV), raiva (R) e hostilidade (H). Cada item é cotado numa escala tipo *Likert* de cinco pontos (1 -Não se aplica nada e 5 -Aplica-se muito). A escala original mostrou boa consistência interna, não só para a escala total (α de Cronbach = 0,89), mas também para os quatro fatores: α = .85 para a agressividade física, α = .72 para a agressividade verbal, α = .83 para a raiva e α = .77 para a hostilidade. Esta escala também foi adaptada para a população Portuguesa (Simões, 1993), constituída por 29 itens, como a escala original. Apresenta boas propriedades psicométricas, com uma consistência interna para a escala total α = .87, α = .80 para o fator de agressividade física, α = 0,60 para a agressividade verbal (este valor mais baixo pode ser devido ao pequeno número de itens que avaliam este fator), α = .81 para a raiva e α = .73 para a hostilidade. No nosso estudo os valores de consistência interna foram: α = .84 para o fator agressividade física, α = .70 para o fator agressividade verbal, α = .78 para o fator raiva e α = .79 para o fator hostilidade.

Escala das Formas de Auto-criticismo e Auto-tranquilização (FSCRS; *Forms of Self-Criticizing and Reassuring Scale*, Gilbert & Irons, 2004 tradução e adaptação de Castilho & Pinto-Gouveia, 2005) é um instrumento de auto-resposta que pretende avaliar a forma como as pessoas se auto-criticam e auto-tranquilizam perante situações de fracasso e erro. É constituído por 22 itens organizados em três subescalas: *Eu Inadequado* que avalia o sentimento de inadequação do eu perante fracassos, obstáculos e erros; *Eu Tranquilizador* que indica uma atitude positiva, calorosa, de conforto e compaixão para com o eu e o *Eu Detestado* que avalia uma resposta mais destrutiva, baseada na auto-repugnância, raiva e aversão perante situações de fracasso. Cada item é cotado numa escala tipo *Likert* de cinco pontos que varia desde 0 (eu não sou assim) a 4 (sou extremamente assim). Na versão original os valores de consistência interna foram: α = .90 para a subescala *Eu Inadequado*, α = .86 para a subescala *Eu Tranquilizador* e α = .86 para a subescala *Eu Detestado*. A versão portuguesa apresenta uma consistência interna de: α = .89 para o *Eu Inadequado*, α = .87 para *Eu Tranquilizador* e α = .62 para o *Eu Detestado*. Neste estudo a consistência

interna obtida foi $\alpha = .89$ para a subescala *Eu Inadequado*, $\alpha = .88$ para a subescala *Eu Tranquilizador* e $\alpha = .81$ para a subescala *Eu Detestado*.

Procedimentos metodológicos

Para concretizar os objetivos a que nos propomos, foi conduzido um estudo transversal com base numa amostra de conveniência de adolescentes da população geral cuja participação foi voluntária. Como critérios de inclusão considerou-se: a) adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos, b) sem consultas (psicologia e/ou psiquiatria) nos últimos 2 anos; c) não estar medicado com psicofármacos; b) sem medidas legais; c) sem suspeita de deficiência mental; d) saber ler. Os cinco instrumentos acima descritos constituíram a bateria de escalas utilizadas na realização desta investigação. O protocolo de investigação, para além das escalas, continha uma folha de rosto com os dados sociodemográficos dos participantes. Foi obtido anteriormente o consentimento informado dos pais e posteriormente dos participantes, garantindo o anonimato e confidencialidade dos dados usados apenas no contexto da investigação.

Procedimentos Estatísticos

No tratamento estatístico dos dados recorreu-se *softwares* MPlus versão 6.12 (Muthén & Muthén, 2001) utilizando o método WLSMV (*robust weighted least squares*) para os estudos da natureza confirmatória, por ser um método mais robusto e adequado para uma elevada amostra (Flora & Curran, 2004) e por se verificar uma ausência de uma distribuição normal (Finney & DiStefano, 2006) e o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 20.0 para a estatística inferencial. Inicialmente realizou-se uma análise fatorial confirmatória (AFC) para testar a qualidade de ajustamento do modelo de medida teórico à estrutura correlacional observada entre as variáveis manifestas (itens) (Marôco, 2010). Procedeu-se à análise da consistência interna através do cálculo do alfa de Cronbach, considerada a melhor estimativa de fidelidade de um teste (Nunnally, 1978). A qualidade dos itens foi verificada através do cálculo da correlação do item com o total da escala exceto o próprio item (Nunnally, 1978). A fidelidade teste-reteste foi analisada através do coeficiente de correlação paramétrico de *Pearson* indicador da estabilidade temporal relativa, assim como as

validades convergentes e divergentes, e através do teste *t* para amostras emparelhadas, indicador da estabilidade temporal absoluta.

IV - Resultados

Análise fatorial confirmatória (AFC)

Numa fase inicial analisou-se o modelo proposto em estudo composto por cinco fatores (*fuga, evitamento, ataque ao self, ataque ao outro e coping adaptativo*). Verificou-se a inexistência de uma correlação entre a subescala adaptativa com as restantes subescalas não adaptativas. Dado os resultados não satisfatórios decidiu-se avaliar a qualidade de ajustamento de cada uma das subescalas não adaptativas e adaptativa, isoladamente. Os resultados obtidos para escala adaptativa não revelaram bons índices de ajustamento.

Ensaiou-se, ainda um modelo hierárquico em que os itens e respectivas subescalas da ECoV foram agrupados em dois fatores de ordem superior: *coping adaptativo e coping não adaptativo*. Os resultados obtidos com este modelo também não se revelaram satisfatórios.

Na sequência destes estudos e tendo em conta a desadequação dos índices de ajustamento que obtivemos com os vários ensaios tomou-se a decisão de excluir dos estudos seguintes a subescala *coping adaptativo* com a vergonha. A ECoV ficou assim reduzida a 48 itens distribuídos pelas quatro dimensões do *coping não adaptativo* com a vergonha: *fuga, evitamento, ataque ao self e ataque ao outro*.

Para o teste de ajustamento do modelo proposto foram analisados os seguintes índices: χ^2 , RMSEA (*Root Mean Square Error of Approximation*), TLI (*Tucker and Lewis Index*) e CFI (*Comparative Fit Index*). Os valores RMSEA entre 0.05 e 0.10 e valores TLI e CFI entre 0.9 e 0.95 sugerem um ajustamento bom. Os valores RMSEA inferiores a 0.05 e valores TLI e CFI superiores ou iguais 0.95 sugerem um ajustamento muito bom (Marôco, 2010).

No seguimento da decisão tomada, testou-se o modelo composto por quatro fatores (*fuga, evitamento, ataque ao self, ataque ao outro*) que revelou inicialmente índices de ajustamento próximos do aceitável, indicados na tabela 2. A escala composta pelas quatro subescalas não

adaptativas corresponde assim, à escala original do CoSS (Elison et al., 2006). Foram efetuados ajustamentos no modelo verificando-se quatro covariâncias entre os itens 30 e 17 pertencente ao fator *evitamento*, 39 e 26 do fator *ataque ao outro*, 46 e 27 do fator *evitamento*, 47 e 31 do fator *ataque ao self*. Reajustado o modelo obteve-se valores de índices mais próximos do desejável, que sugerem um bom ajustamento (cf. Tabela 2).

Tabela 2. Índices de ajustamento do modelo composto por quatro fatores (*coping* não adaptativo)

Índices	Modelo Inicial	Modelo Final
χ^2	4374.300	4028.324
Sig.	.000	.000
RMSEA	.066	.063
CFI	.889	.901
TLI	.884	.895

Análise dos itens da escala e da consistência interna

As médias, desvios padrões, correlações item-total da respetiva faceta e o valor do alfa de Cronbach se retirado o item, para cada item da ECoV, nas subescalas *fuga*, *evitamento*, *ataque ao self* e *ataque ao outro*, são apresentadas na Tabela 3.

A consistência interna da versão portuguesa da ECoV foi examinada através do cálculo de alfa de Cronbach revelando uma boa consistência interna para as quatro subescalas variando entre .74 e .92.

Tabela 3. Médias, desvios padrão, correlações item-total e α se retirado o item, para cada item e dimensão da escala de *coping* com a vergonha (ECoV) (N=698)

Itens e respetivos nº	M	DP	Item- Total R	α se retirado o item
Evitamento ($\alpha=.74$)				
Comporto-me como se não me estivesse a sentir assim (1)	1.94	1.15	.33	.73
Mostro mais qualidades e talento do que realmente tenho (8)	1.37	1.10	.30	.73
Mostro estar mais confiante em mim do que realmente estou (11)	1.89	1.02	.44	.72
Finjo que não me importo com isso (14)	1.72	1.15	.38	.72
Conto uma piada para disfarçar a vergonha (17)	1.22	1.13	.39	.72

Não deixo que se apercebam que estou assim (24)	2.10	1.20	.35	.73
Penso que não há razão alguma para me sentir mal (27)	2.03	1.12	.22	.74
Disfarço os meus sentimentos com uma piada ou brincadeira (30)	1.20	1.02	.49	.71
Arranjo uma distração para não me sentir mal (33)	1.92	1.04	.46	.71
Recuso-me aceitar que tenha esses defeitos (40)	.83	.93	.29	.73
Mantenho-me ocupado para não me sentir assim (43)	1.90	1.07	.46	.71
Afasto o sentimento e recuso-me a pensar assim (46)	1.29	1.00	.42	.72
Fuga ($\alpha=.89$)				
Desisto ao abandono a atividade (3)	1.04	.94	.38	.89
Tento não dar nas vistas (6)	2.16	1.17	.39	.89
Afasto-me tentando que ninguém repare em mim (9)	1.71	1.15	.60	.88
Mantenho-me afastado das outras pessoas (16)	.99	1.03	.58	.88
Gostava de poder ficar invisível (19)	2.03	1.34	.58	.88
Isolo-me e afasto-me dos outros (22)	1.29	1.15	.64	.87
Quero fugir para longe deles (25)	1.25	1.10	.66	.87
Saio imediatamente e fugo da situação (32)	.94	.96	.60	.88
Evito encontrar-me com a pessoa que me rejeitou (35)	1.88	1.21	.53	.88
Apetece-me fugir dali (38)	1.35	1.15	.71	.87
Isolo-me das outras pessoas (41)	1.37	1.17	.71	.87
Tenho vontade de desaparecer (48)	1.65	1.31	.67	.87
Ataque ao self ($\alpha=.92$)				
Fico furioso comigo próprio por não ser suficientemente bom (2)	2.18	1.13	.55	.92
Critico-me a mim próprio (5)	2.12	1.17	.60	.92
Fico irritado comigo próprio (12)	1.96	1.16	.69	.91
Fico chateado comigo próprio (15)	1.86	1.22	.72	.91
Apetece-me bater em mim próprio (18)	1.01	1.17	.56	.92
Culpo-me a mim próprio (21)	1.28	1.16	.64	.92
Fico a pensar nas minhas limitações (28)	1.67	1.13	.63	.92
Deito-me abaixo e critico-me a mim próprio (31)	1.70	1.26	.73	.91
Não paro de pensar nos meus próprios defeitos (34)	1.83	1.23	.71	.91
Sinto-me como se não fosse capaz de fazer nada bem feito (37)	1.55	1.21	.72	.91
Zango-me comigo mesma (44)	1.39	1.21	.74	.91
Critico-me e deito-me abaixo (47)	1.57	1.21	.75	.91
Ataque ao outro ($\alpha=.86$)				
Fico irritado com os outros (4)	1.06	1.02	.56	.85
Apetece-me tratar mal as pessoas (7)	.65	.84	.51	.85
Sinto que os outros são culpados por me fazerem sentir assim (10)	.73	.89	.60	.85
Descarrego a minha frustração nas outras	.69	.88	.54	.85

peessoas (13)				
Fico chateado com os outros por repararem que estou assim (20)	.77	.97	.57	.85
Culpo os outros por isso (23)	.83	.95	.58	.85
Apetece-me apontar-lhe as falhas que eles têm (26)	1.41	1.16	.53	.85
Fico furioso com eles por terem expectativas altas acerca de mim (29)	.96	1.07	.46	.86
Fico zangado com quem me rejeitou (36)	1.45	1.11	.54	.85
Faço-lhes ver os defeitos deles (39)	1.24	1.08	.48	.85
Fico furioso com os outros por me fazerem sentir assim (42)	1.41	1.16	.58	.85
Atiro com a culpa para cima de quem me faz sentir assim (45)	.65	.82	.61	.85

Da observação da tabela 3, todos os itens mostram correlações item-total superiores ou iguais .30, exceto o item 27 (“penso que não há razão alguma para me sentir mal”) e o item 40 (“recuso-me aceitar que tenha esses defeitos”) que apresentam correlações item-total de .22 e .29, respectivamente. Embora estes itens não atinjam o critério, previamente estabelecido, de correlação item-total $> .30$, foram mantidos porque a eliminação destes dois itens não aumentava a consistência interna da escala e procurando manter cada fator o mais idêntico possível à versão original do instrumento.

Fiabilidade teste-reteste

Para se determinar a fidelidade teste-reteste, a ECoV foi de novo administrada, com um intervalo de quatro semanas entre as aplicações, a 40 adolescentes (23 raparigas e 17 rapazes). A estabilidade temporal foi calculada através do uso do coeficiente de correlação de Pearson e o teste t para amostras emparelhadas. Foram encontradas correlações altas para as quatro subescalas ($r=.79$ para a *fuga*; $r=.84$ para o *evitamento*; $r=.84$ para o *ataque ao self* e $r=.81$ para o *ataque ao outro*), indicadores de uma boa estabilidade temporal relativa. O teste t para amostras emparelhadas não apresentou diferenças estatisticamente significativas em nenhuma das subescalas: *fuga* ($t_{(39)}=-1.121$ $p=.269$); *evitamento* ($t_{(39)}=-1.014$ $p=.317$); *ataque ao self* ($t_{(39)}=-1,751$ $p=.088$); *ataque ao outro* ($t_{(39)}=.268$ $p=.790$). Estes dados revelam uma boa estabilidade temporal absoluta.

Validade convergente e divergente

A validade convergente e divergente desta escala foi estudada através das suas correlações com a *Escala da Vergonha Externa* (OAS), *Questionário da Agressividade* (AQ), *Escala das Formas de Auto-criticismo e Auto-tranquilização* (FSCRS) e a *Escala de Ansiedade e Evitamento de Situações Sociais para Adolescentes* (EAESSA). Na avaliação da magnitude das correlações foi utilizada a convenção de Pestana & Gageiro (2003), segundo a qual é postulada uma associação muito baixa sempre que o coeficiente de correlação é inferior a .20; baixa entre .21 e .39; moderada entre .40 e .69; alta entre .70 e .89 e muito alta quando maior que .90.

A tabela 4 apresenta as correlações entre a escala de *coping* com a vergonha (ECoV) com a escala da vergonha externa (OAS) e o questionário da agressividade (AQ).

Tabela 4. Correlações entre a escala de *coping* com a vergonha (ECoV) com a escala da vergonha externa (OAS) e o questionário da agressividade (AQ) (n=204)

	ECoV			
	Fuga	Evitamento	Ataque ao self	Ataque ao outro
OAS				
Vergonha Externa	.63**	.35**	.66**	.57**
AQ				
AQ Total	.45**	.44**	.38**	.63**
Agressividade física	.18**	.27**	.07	.47**
Agressividade verbal	.18**	.32**	.13**	.41**
Raiva	.41**	.27**	.41**	.55**
Hostilidade	.58**	.49**	.55**	.50**

** $p < .01$

Como se pode ler na tabela 4, as correlações entre as subescalas da ECoV e as pontuações obtidas na subescala do OAS são todas significativas. A análise dos coeficientes de correlação mostra que estes variam entre .57 e .66, ou seja, apresentam correlações de magnitude moderada, todas positivas e significativas, à exceção da subescala *evitamento* da ECoV que apresenta uma correlação baixa com a subescala *vergonha externa* da OAS.

No que concerne às correlações entre as subescalas da ECoV e o total e os fatores do AQ, as associações encontradas são todas significativas e no sentido esperado da relação entre as variáveis à exceção da subescala *agressividade física* do AQ com a subescala *ataque ao self* da ECoV. O total

do AQ apresenta correlações que variam entre .38 e .63 com as subescalas da ECoV, sendo as associações mais fortes com as subescalas *ataque ao outro*, *fuga* e *evitamento*, por ordem decrescente de grandeza. Do conjunto das correlações, cabe destacar alguns padrões de associação mais expressivos, bem como associações mais específicas entre determinadas subescalas da ECoV e fatores do AQ. Os fatores *agressividade física* e *agressividade verbal* do AQ, embora com valores moderados, destacam-se as associações à subescala *ataque ao outro* da ECoV. O fator *raiva* tende associar-se com valores de correlações de magnitude moderada, com as subescalas *ataque ao outro*, *ataque ao self* e *fuga*, respectivamente. Quanto à *hostilidade* tende associar-se com valores de correlação mais elevados com todas as subescalas da ECoV.

A tabela 5 apresenta as correlações entre a escala de *coping* com a vergonha (ECoV) com a escala das formas de auto-criticismo e auto-tranquilização (FSCRS) e a escala de Ansiedade e Evitamento de Situações Sociais para Adolescentes (EAESSA).

Tabela 5. Correlações entre a escala de *coping* com a vergonha (ECoV) com a escala das formas de auto-criticismo e auto-tranquilização (FSCRS) (n=204) e a escala de ansiedade e evitamento de situações sociais para adolescentes (EAESSA) (n=63)

	ECoV			
	Fuga	Evitamento	Ataque ao self	Ataque ao outro
FSCRS				
Eu Inadequado	.69**	.29**	.77**	.37**
Eu detestado	.48**	.21**	.55**	.41**
Eu Tranquilizador	-.35**	.11	-.35**	-.19**
EAESSA				
Ansiedade	.42**	.14	.28*	.24
Evitamento	.40**	.03	.25**	.21

** $p < .01$

* $p < .05$

Como se pode verificar na tabela 5, as correlações entre as subescalas da ECoV e os valores obtidos nas subescalas da FSCRS são todos significativos, à exceção da subescala *evitamento* da ECoV com a subescala *eu tranquilizador* da FSCRS. Do conjunto das correlações, cabe destacar alguns padrões de associação mais expressivos, bem como associações mais específicas entre determinadas subescalas da ECoV e

subescalas da FSCRS. As subescalas *eu inadequado* e *eu detestado* da FSCRS, associam-se com valores de correlações de magnitude moderada a alta, com as subescalas *fuga e ataque ao self* da ECoV. É também de destacar a associação com um valor de correlação moderada entre a subescala *eu detestado* da FSCRS com a subescala *ataque ao outro* da ECoV.

Relativamente, à subescala *eu tranquilizador* da FSCRS com as subescalas da ECoV apresentam correlações de magnitude inferior a baixo, negativas e significativas com as subescalas *fuga, ataque ao self e ataque ao outro* da ECoV por ordem decrescente de grandeza.

Quanto às associações entre a escala EAESSA e a ECoV, verificou-se apenas correlações positivas significativas de magnitude moderada entre as subescalas *ansiedade e evitamento* da EAESSA com a subescala *fuga* da ECoV e baixas com a subescala *ataque ao self* da ECoV.

V – Discussão

A vergonha enquanto emoção comum a diversos quadros psicopatológicos tem sido alvo de um marcado e progressivo interesse quer na comunidade científica, quer na investigação, quer na prática clínica. Tem-se procurado perceber a origem, o que contribui para o seu desenvolvimento, quais as suas consequências e de que forma se associa à psicopatologia.

Neste sentido e de forma apoiar estes interesses, o estudo apresentado teve como objetivo a validação da versão portuguesa da escala de *coping* com a vergonha (ECoV), analisando o seu modelo fatorial e características psicométricas, numa amostra de adolescentes da população geral, recolhida em diversos pontos do país.

A estrutura da escala foi confirmada através de um procedimento de análise fatorial confirmatória, realizada numa amostra de 698 adolescentes da população geral. No entanto, a inexistência de uma correlação entre a subescala adaptativa e as subescalas não adaptativas revelou-se um obstáculo no cumprimento do objetivo global de fornecer uma medida específica de *coping* não adaptativo e adaptativo com a vergonha. Assim, o procedimento estatístico obrigou-nos a rever outros métodos de análise que, ainda assim, não foram viáveis tendo em conta a desadequação dos índices de ajustamento que obtivemos com os vários ensaios. Tomou-se então a

decisão de excluir a subescala de *coping* adaptativo com vergonha por não se correlacionar com as subescalas não adaptativas com a vergonha.

No entanto, pressupõe-se que a ausência de uma distribuição normal influenciou alguns dos indicadores de ajustamento do modelo testado com os quatro fatores da escala de *coping* não adaptativo com a vergonha (*fuga*, *evitamento*, *ataque ao self* e *ataque ao outro*). Utilizaram-se vários índices de ajustamento precisamente para tentar contornar a influência que a ausência de uma distribuição normal possui nos indicadores, permitindo confirmar o modelo testado.

Em consequência do bom ajustamento do modelo, os fatores estudados aproximaram-se dos teoricamente propostos e revelaram possuir bons coeficientes de consistência interna semelhantes aos obtidos no estudo original da escala por Elison et al. (2006).

O estudo dos itens revelou que a maioria deles apresentou uma correlação item-total moderada a alta. Essas correlações mostram o poder discriminativo do item, ou seja, o nível em que o item é diferente no mesmo sentido da escala global (Almeida & Freire, 1997). Portanto, pode-se concluir que os 48 itens que compõem a escala são construídos para avaliar as diferentes estratégias específicas de *coping* não adaptativo para lidar com a vergonha.

A escala revelou possuir bons índices de fidelidade teste-reteste, mostrando uma boa estabilidade temporal relativa e absoluta para um intervalo de quatro semanas.

Os estudos de validade convergente com diversas medidas permitiram verificar que surgem associações estatisticamente significativas entre os fatores da ECoV (*fuga*, *evitamento*, *ataque ao self* e *ataque ao outro*) e as diversas dimensões estudadas (*vergonha externa*, *agressividade física e verbal*, *raiva*, *hostilidade*, *eu inadequado*, *eu detestado*, *ansiedade e evitamento*). Uma análise mais detalhada da grandeza das associações encontradas permitiu destacar alguns padrões específicos de associação entre alguns dos fatores avaliados pela ECoV e as dimensões referidas anteriormente. Os resultados mostraram claramente uma tendência de determinados fatores da ECoV para se associarem a essas dimensões mais específicas. A grandeza das associações encontradas, bem como o sentido das mesmas, foram idênticos aos encontrados noutros estudos (Campbell &

Elison, 2005; Elison et al., 2006; Nathanson, 1992; Nathanson, 1994; Nyström & Mikkelsen, 2012).

Para avaliar a validade divergente escolheu-se a dimensão *eu tranquilizador* uma vez que avalia uma atitude positiva, calorosa, de conforto e compaixão para com o eu (Castilho & Pinto-Gouveia, 2011). Os valores variaram entre inferior a baixo o que confirma a validade divergente da escala em estudo.

Apesar de se terem verificado bons resultados psicométricos e dados normativos para a ECoV, é importante ressaltar algumas limitações. Uma das limitações diz respeito ao facto de não se ter obtido indicadores de ajustamentos adequados quando testada a estrutura fatorial da escala composta por cinco fatores (*fuga, evitamento, ataque ao self, ataque ao outro e coping adaptativo*), contrariamente ao que seria esperado. É de salientar que, a primeira parte da escala abrangia as subescalas não adaptativas (*fuga, evitamento, ataque ao self, ataque ao outro*), presentes em doze cenários potencialmente indutores de vergonha, e uma segunda e última parte da escala compreendia a subescala adaptativa, avaliada por 10 itens finais, ou seja, independente das subescalas não adaptativas.

No futuro, seria importante analisar a estrutura fatorial da escala composta pelos cinco fatores, adaptando eventualmente cada um dos itens da subescala adaptativa a cada uma das situações indutoras de vergonha apresentadas para as subescalas não adaptativas. Outra limitação prende-se com a utilização exclusiva de instrumentos de auto-resposta na investigação da validade do constructo da ECoV. São necessários mais estudos que apoiem a validade da escala utilizando outras metodologias de investigação como por exemplo, entrevistas de diagnóstico, observação comportamental e também o recurso a amostras clínicas. É importante lembrar que estes dados foram obtidos numa amostra de comunidade e, como tal é imprescindível verificar, em estudos posteriores, o seu significado em populações clínicas, no sentido de explorar a validade discriminante da ECoV, com o intuito de reforçar a sua importância e promover a sua aplicabilidade. Só assim será possível investigar a utilidade da ECoV para objetivos clínicos e de avaliação dos efeitos de tratamento. Por último seria importante estudar as diferenças entre géneros.

Não obstante às limitações atrás apontadas, os resultados desta

investigação inicial apoiam a fidelidade e validade da ECoV na avaliação do recurso às quatro estratégias de *coping* para lidar com a vergonha em adolescentes. Assim, este instrumento revela grande utilidade podendo ser utilizado não só apenas ao nível da investigação mas também na prática clínica. A favor disto, um estudo recente de Caldas & Rijo (em preparação) no qual foi utilizada a ECoV, comparou adolescentes com perturbação de conduta com adolescente com fobia social. Os resultados obtidos mostraram que cada uma destas perturbações se relaciona com estilos de *coping* específicos, evidenciando que os adolescentes com perturbação de conduta utilizam preferencialmente o *ataque ao outro* como estilo de *coping* com a vergonha, enquanto que, os indivíduos diagnosticados com fobia social tendem a utilizar mais o *ataque ao self*. Tal estudo vem então de encontro à ideia de Nathanson (1994) de que poderão não ser as atuais experiências de vergonha que criam os problemas pessoais, mas sim a forma como lidamos com a vergonha.

Em jeito de conclusão prevê-se que esta a adaptação para a população de adolescentes portugueses seja de grande utilidade nomeadamente no estudo dos estilos de *coping* para lidarem com a vergonha, podendo ser importante na estruturação de intervenções destinadas a trabalhar estratégias para lidar com a vergonha. Para além disto, no estudo da relação entre os estilos de *coping* e a psicopatologia, ou seja, investigar as associações entre os quatros estilos de lidar com a vergonha com determinados quadros psicopatológicos e por último contribuir para um estudo mais robusto dos efeitos de intervenções psicoterapêuticas ou psicoeducacionais na promoção adaptativa de lidar com a vergonha.

Bibliografia

- Allan, S., Gilbert, P., & Goss, K. (1994). An exploration of shame measures: II: Psychopathology. *Personality and Individual Differences*, 17, 719–722.
- Almeida, L. S., & Freire, T. (1997). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Coimbra: APPORT.
- Andrews, B., & Hunter, E. (1997). Shame, early abuse, and course of depression in a clinical sample: A preliminary study. *Cognition and Emotion*, 11, 373–381. doi:10.1080/026999397379845

- Andrews, B., Brewin, C. R., Rose, S., & Kirk, M. (2000). Predicting PTSD symptoms in victims of violent crime: The role of shame, anger and childhood abuse. *Journal of Abnormal Psychology, 109*, 69–73. doi: 10.1037/0021-843X.109.1.69
- Andrews, B., Qian, M., & Valentine, D. (2002). Predicting depressive symptoms with a new measure of shame: The Experience of Shame Scale. *The British Journal of Clinical Psychology, 41*, 29-42.
- Baumeister, R. F., Bratslavsky, E., Finkenauer, C., & Vohs, K. D. (2001). Bad is stronger than good. *Review of General Psychology, 5*, 323–370.
- Bellew, R., Gilbert, P., Mills, A., McEvan, K., & Gale, C. (2006). Eating Attitudes and Striving to Avoid Inferiority. *Eating Disorders, 14*, 313–322. doi: 10.1080/10640260600796242
- Buss, A. H., & Perry, M. P. (1992). The aggression questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology, 63*, 452-459.
- Caldas, L., & Rijo, D. (em preparação). Coping with Shame: a comparison between male adolescents with conduct disorder, social phobia and without psychopathology.
- Campbell, S., & Elison, J. (2005). Shame coping styles and psychopathic personality traits. *Journal of Personality Assessment, 84*, 96-104. doi: 10.1207/s15327752jpa8401_16
- Castilho, P., & Pinto-Gouveia, J. (2011). Auto-Criticismo: estudo de validação da versão portuguesa da Escala das Formas do Auto-Criticismo e Auto-Tranquilização (FSCRS) e da Escala das Funções do Auto-Criticismo e Auto-Ataque (FSCS). *Psychologica, 54*, 63-86.
- Chao, Ying-Hsien, Cheng, Ying-Yao, & Chiou, Wen-Bin. (2011). The psychological consequence of experiencing shame: Self-sufficiency and mood-repair. *Motivation and Emotion, 35*, 202–210. doi: 10.1007/s11031-011-9208-y
- Cheung, M. P., Gilbert, P., & Irons, C. (2004). An exploration of shame, social rank and rumination in relation to depression. *Personality and Individual Differences, 36*, 1143–1153.
- Cook, D. R. (2001). *Internalized Shame Scale: Technical manual*. Toronto:

Multi-Health Systems.

- Cunha, M., Pinto-Gouveia, J., & Salvador, M. C. (2004). Medos sociais na adolescência: a escala de ansiedade e evitamento de situações sociais para adolescentes (EAESSA). *Psychologica*, *36*, 195-217.
- Dickerson, S. S., & Kemeny, M. E. (2004). Acute stressors and cortisol response: A theoretical integration and synthesis of laboratory research. *Psychological Bulletin*, *130*, 335–391.
- Elison, J., Lennon, R., & Pulos, S. (2006). Investigating the compass of shame scale: The development of Compass of shame scale. *Social behavior and personality*, *34*, 221-238.
- Faria, L. (1998). *Desenvolvimento diferencial das concepções pessoais de inteligência durante a adolescência*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Finney, S. J., & DiStefano, C. (2006). Non-normal and Categorical data in structural equation modeling. In G. R. Hancock & R. O. Mueller (Eds), *Structural equation modeling: a second course* (pp. 269–314). Greenwich, Connecticut: Information Age Publishing.
- Flora, D. B., & Curran, P. J. (2004). An empirical evaluation of alternative methods of estimation for confirmatory factor analysis with ordinal data. *Psychological Methods*, *9*, 466–491. doi: 10.1037/1082989X.9.4.466
- Gilbert, P. (2000). The relationship of shame, social anxiety and depression: the role of the evaluation of social rank. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, *7*, 174– 189. doi: 10.1002/1099-0879(200007)
- Gilbert, P., & Gerlsma, C. (1999). Recall of shame and favouritism in relation to psychopathology. *The British Journal of Clinical Psychology*, *38*, 357-373. doi: 10.1348/014466599162962
- Gilbert, P., & Irons, C. (2004). A pilot exploration of the use of compassionate images in a group of self-critical people. *Memory*, *12*, 507–516. doi: 10.1080/09658210444000115
- Goss, k., & Allan, S. (2009). Shame, pride and eating disorders. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, *16*, 303-316. doi: 10.1002/cpp.627
- Kaufman, G. (1989). *The Psychology of Shame: Theory and Treatment of Shame-based Syndromes*. New York: Springer.
- Kaufman, G. N. (1996). *The psychology of shame: Theory and treatment of*

- shame-based syndromes* (2nd ed.). New York: Springer.
- Kelly, A., & Carter, J. (2012). Why self-critical patients present with more severe eating disorder pathology: The mediating role of shame. *British Journal of Clinical Psychology*, *52*, 148-161. doi: 10.1111/bjc.1200
- Leskela, J., Dieperink, M., & Thuras, P. (2002). Shame and post-traumatic stress disorder. *Journal of Traumatic Stress*, *15*, 233–226. doi: 10.1023/A:1015255311837
- Lewis, M. (2000). Self-Conscious Emotions: Embarrassment, Pride, Shame and Guilt. In M. Lewis, & J. Haviland (Eds), *Handbook of emotions* (pp. 623-635). New York: Guilford Press.
- Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, Software & Aplicações*. Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Matos, M., & Pinto-Gouveia, J. (2010). Shame as a traumatic memory. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, *17*, 299–312. doi: 10.1002/cpp.659
- Matos, M., Pinto-Gouveia, J., & Gilbert, P. (2013). The Effect of Shame and Shame Memories on Paranoid Ideation and Social Anxiety. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, *20*, 334-349. doi: 10.1002/cpp.1766
- Muthén, L., & Muthén, B. (2001). *Mplus user's guide: statistical analysis with latent variables*. Los Angeles: Muthén & Muthén.
- Nathanson, D. L. (1992). *Shame and pride*. New York: Norton.
- Nathanson, D. L. (1994). *Shame and pride. Affect sex and the birth of the self*. New York: Norton Paperbacks.
- Nunnally, J. (1978). *Psychometric theory* (2^a ed.). USA: McGraw Hill.
- Nyström, M., & Mikkelsen, F. (2012). Psychopathy-Related Personality Traits and Shame Management Strategies in Adolescents. *Journal of Interpersonal Violence*, *20*, 1-19. doi: 10.1177/0886260512455512
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2003). *Análise de dados para ciências sociais: A complementariedade do SPSS*. Lisboa: Sílabo.
- Pineles, L., Street, E., & Koenen, C. (2006). The differential relationships of shame-proneness and guilt-proneness. *Journal of Social and Clinical Psychology*, *25*, 688-704. doi: 10.1521/jscp.2006.25.6.688
- Simões, A. (1993). São os homens mais agressivos que as mulheres?. *Revista Portuguesa de pedagogia*, *3*, 387-404.

- Tangney, P., & Dearing, L. (2002). *Shame and guilt*. New York: Guilford Press.
- Tomkins, S. S. (1962 -1991). *Affect/imagery/consciousness*. Vols. 1-3. New York: Springer.
- Yelsma, P., Brown, N. M., & Elison, J. (2002). Shame-focused coping styles and their associations with self-esteem. *Psychological Reports, 90*, 1179-1189. doi: 10.2466/pr0.2002.90.3c.1179